

# Certificação 4C foi tema de mesa-redonda no Encafé



Fernando Lopes, Melanie Rutten, Linda Butler, Wolfgang Heinricy e Nathan Herszkowicz

Em vista do seu próprio Programa Cafés Sustentáveis do Brasil, a ABIC incluiu na grade do Encafé espaço para um amplo debate sobre o programa mundial de sustentabilidade do café, da Associação 4C - Código de Conduta para a Comunidade Café, que entrou em vigor dia 01 de outubro de 2007

Para quem achava que levaria muito tempo até que a indústria ou os consumidores acordassem para temas como a sustentabilidade, este é o momento de rever os conceitos. A multinacional Nestlé decidiu que sua marca mundial de café solúvel Nescafé irá utilizar exclusivamente grãos produzidos de acordo com as diretrizes do Código Comum para a Comunidade Cafeeira (4C). Isso significa que a empresa quer assegurar que todo grão utilizado não foi produzido com trabalho escravo ou infantil ou com o uso de pesticidas banidos internacionalmente.

“Em 10 ou 15 anos praticamente 100% das nossas compras de café serão de origem 4C”, garante Linda Butler, gerente de compras de commodities da Nestec, empresa do grupo Nestlé responsável exclusivamente pela produção do Nescafé. O primeiro carregamento de café 4C comprado pela Nestlé veio do

Vietnã. O segundo será brasileiro. Segundo Linda, o navio com 10 contêineres, ou 3.500 sacas de café verde, deve atracar em portos europeus no início de 2008. Toda a carga será processada e distribuída na Europa.

Essa foi uma das informações trocadas durante a mesa-redonda promovida na tarde do dia 16 de novembro, no Encafé e que contou com a presença de Wolfgang Heinrich, diretor da Bernard Rothfos – Neumann Gruppe, e de Mark Furniss, diretor de Specialty Coffee da Volcafe International Ltda, além de Linda Butler, diretora de Coffee Sustainability – Global Procurement, da Nestec (Nestlé). Também participaram Melanie Ruten, diretora de Operações do 4C; Nathan Herszkowicz, representante da ABIC no Conselho do 4C e Joaquim Libânio Ferreira Leite, da Cooxupé e presidente da Junta Executiva da Associação 4C.

Consideradas como uma nova era para o setor, as diretrizes 4C, criadas por esta associação que tem sede em Bonn, na Alemanha, garantem que o cafeicultor atende os princípios mais básicos da sustentabilidade. Diferentemente da Rainforest Alliance ou da Fairtrade, que têm princípios rígidos e certificações, o 4C é um código de conduta. Ou seja, a adesão é voluntária e ele não produz nenhum tipo de selo. As indústrias que usam café 4C podem, caso queiram, usar apenas uma declaração em suas embalagens.

## Até 2015, 50% da oferta mundial será de café 4C

“As empresas têm interesse em aderir porque a maioria delas já tem códigos próprios de conduta e elas querem que esses códigos sejam respeitados também por seus fornecedores”, disse Melanie Ruten. A verificação da produção não é feita por fazendas, mas por amostragem do que o 4C chama de “unidades”, ou seja, grupos de cafeicultores ou associações de produtores.

“Em uma associação de cafeicultores, por exemplo, nem todas as propriedades serão verificadas, mas apenas aquelas indicadas em sorteio”, explica Fernando Lopes, do Instituto Totum, parceiro da Associação 4C no Brasil.

Existem aproximadamente 4,5 milhões de sacas de café em processo de verificação 4C no mundo, 70% delas no Brasil. Elas foram produzidas pela Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé) e a Cooperativa dos Cafeicultores e Agropecuaristas (Cocapec) de Franca, entre outros.

A verificação não incorre em custos diretos para os produtores, mas apenas para as figuras jurídicas (CNPJs) que os representam,

como as cooperativas. Calcula-se que 5% da oferta mundial é de café sustentável; o restante é de mercadoria sem identidade.

“Acredito que até 2015 pelo menos 50% da oferta global de café será de produto 4C”, afirmou Wolfgang Heinrich, trader da alemã Neumann Gruppe AG, de Hamburgo, na Alemanha. Na prática, significa dizer que o mercado 4C irá crescer ao ritmo de 8 milhões de sacas ao ano.

Quando questionado se essa não era uma meta ambiciosa demais, ele afirmou que acredita que a projeção é conservadora. “A grande maioria dos produtores do Brasil já produz dentro das diretrizes do 4C e conseguiriam o aval da Associação sem dificuldades”, acredita.

De fato, os pré-requisitos para a adesão ao 4C estão longe da rigidez e do detalhismo que fizeram a fama de certificações como a Utz Certified ou a Fairtrade. Há critérios eliminatórios, como o uso de trabalho infantil ou escravo. Mas o questionário de 30 perguntas permite que uma fazenda que tenha empregados sem contrato de trabalho ou que tenha destinado menos de 20% de sua extensão para áreas de reserva legal obtenham o aval 4C. “Os produtores da África poderão ter dificuldades em obter o aval da 4C, mas no Brasil acredito que mais de 90% dos cafeicultores já trabalham dentro das nossas normas mínimas de sustentabilidade”, disse Linda.

A Nestec, explica Linda, utiliza 13 milhões de sacas de café por ano, das quais 13% do Brasil. Ela diz que a empresa está totalmente comprometida com as diretrizes 4C. Para ela, os consumidores não estão preparados para pagar mais por esse tipo de café. “As fazendas passarão a utilizar princípios de sustentabilidade, que são não só ambientais e sociais, mas também econômicos, como melhores práticas de aplicação de fertilizantes e defensivos, o que resultará em maior produtividade”, diz. “Ao adotar essas práticas, o custo de produção das propriedades rurais deve cair, o que irá beneficiar os cafeicultores”, acredita. 